

## FOLHA DE S.PAULO

### Mesmo em vagas similares, trabalhadores com diploma ganham o dobro daqueles com ensino médio

*Quem concluiu apenas o ciclo escolar básico recebe R\$ 2.035 mensais em postos que não exigem formação*

**Arthur Cagliari - SÃO PAULO**

A enorme vantagem salarial que um diploma universitário gera no Brasil é reduzida quase à metade se o profissional não consegue uma vaga no mercado de trabalho compatível com sua escolaridade.

Segundo análise da consultoria IDados, brasileiros em funções que exigem curso superior ganham, em média, R\$ 8.561 mensais. Essa remuneração cai para R\$ 4.861 se a vaga ocupada por esses trabalhadores não exigir formação.

A **Folha** mostrou que profissionais qualificados têm encontrado dificuldade de inserção em suas áreas de especialização e migrado para ocupações menos sofisticadas.

De acordo com o levantamento da IDados, embora estejam em desvantagem salarial em relação a seus pares mais bem colocados no mercado, os trabalhadores com diploma universitário ganham o dobro daqueles com ensino médio completo em vagas similares.

Quem concluiu apenas o ciclo escolar básico recebe R\$ 2.035 mensais em postos que não exigem formação, revela a análise feita pela economista Mariana Leite com base na Rais (Relação Anual de Informações Sociais), que reúne dados do mercado formal, de 2018.

Esse resultado confirma estudos anteriores que apontam um grande prêmio salarial por maior escolaridade no Brasil.

“Esses números mostram que, mesmo deslocados das vagas que esperavam ocupar, esses profissionais têm alguma vantagem no mercado”, diz Bruno Ottoni, pesquisador do Ibre/FGV e da IDados.

# INFORME

A babá Luciana Félix, 36, sentiu essa diferença após ter cursado pedagogia em meados da década passada.

Embora tenha desistido de trabalhar em escolas e voltado à função que já havia desempenhado antes de ingressar na faculdade, ela nota que ganha mais do que outras profissionais com menos qualificação.

A faculdade a ajudou a adquirir habilidades que usou com Lucas, 20, que tem autismo.

“Eu já tinha sido babá do Lucas antes e voltei, depois da faculdade, para ajudar no acompanhamento terapêutico dele na escola”, diz ela, que ainda trabalha para a mesma família, cuidando de Pedro, 8.

Porém, a distância salarial que profissionais qualificados deslocados de sua área de formação amargam em relação a seus pares em cargos compatíveis com o ensino superior pode gerar frustração pessoal.

Outro risco é o de prejuízo financeiro. Há estudos para países como o Chile que mostram que o investimento feito para pagar uma faculdade pode nunca ser totalmente recuperado dependendo da trajetória do profissional.

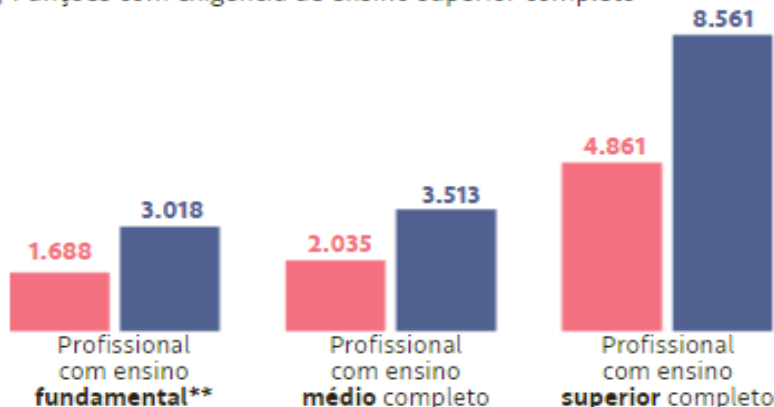
## Qualificado em vaga menos sofisticada ganha quase a metade que seus pares em ocupação de nível superior

Remuneração é, porém, o dobro do recebido por profissional com ensino médio desempenhando o mesmo tipo de função

Anos a mais de estudo têm forte impacto sobre renda no Brasil

Salário por escolaridade e exigência do emprego, em R\$\*

■ Funções sem exigência de escolaridade  
■ Funções com exigência de ensino superior completo



Salários médios por nível de escolaridade, independente da função exercida, em R\$

Ensino fundamental\*\*

1.745,89

Ensino médio completo

2.184,80

Ensino superior completo

7.050,84

\*A remuneração se refere a jornadas de 40 horas semanais

\*\*Completo ou incompleto

Fonte: Levantamento feito pela consultoria IDados com base em estatísticas da Rais

# INFORME

O descasamento entre formação e ocupação tende também a punir o país como um todo, que deixa de aproveitar habilidades que os trabalhadores adquiriram e poderiam contribuir para o aumento da produtividade.

Outro cenário possível e preocupante é que parte dos profissionais que cursam o ensino superior simplesmente não acumula ganho significativo de capital humano.

Essas questões têm chamado a atenção de pesquisadores. Segundo eles, é um problema que deveria mobilizar tanto os formuladores de políticas públicas quanto instituições de ensino e famílias.

O economista Sergio Firpo, do Insper, ressalta que o Brasil escolarizou a força de trabalho na última década e meia, dobrando o número de pessoas com ensino médio.

“Deixamos disponível um contingente populacional enorme para ser absorvido pelos provedores de ensino superior”, afirma.

Dada a restrição de oferta de vagas nas instituições públicas, parte dos que buscaram continuar investindo na formação educacional terminou em faculdades privadas.

Parte do problema, segundo Firpo, é que a qualidade do ensino em algumas instituições do segmento particular —que passou por um período de forte expansão no país— é baixa, o que pode ter prejudicado os alunos.

“Muitas vezes o brasileiro sai com uma formação que não é adequada para exercer certas atividades”, afirma.

“Isso faz com que ele acabe subutilizado no que diz respeito àquela ocupação para a qual foi treinado e migre para outra”, acrescenta o pesquisador.

Otoni ressalta que a fraqueza da economia brasileira desde 2014 ampliou as barreiras para quem busca vagas qualificadas no mercado de trabalho, que foi caracterizado pelo forte aumento da informalidade nos últimos anos.

Mas, para ele, há uma falha grande de mercado no Brasil, que ajuda a explicar o descasamento crescente entre formação e ocupação.

Ao contrário do que ocorre em muitos outros países, há pouca informação sobre o que acontece com os brasileiros na transição da faculdade para o mercado de trabalho.

# INFORME

“Em países como os EUA, as universidades acompanham seus alunos, sabem onde estão empregados, quanto ganham. No Brasil, isso praticamente não existe”, diz Ottoni.

A ausência de informação sobre o mercado pode ter levado Sandra Lima, 40, a tomar uma decisão equivocada quando decidiu cursar serviço social, na Unip.

Com vasta experiência cozinhando em restaurantes, ela pensou que conseguiria o que buscava —salário mais alto e melhores condições de trabalho— em outra área.

Destinando cerca de 60% de sua renda à mensalidade do curso, Sandra conta que cursou a faculdade com grande empolgação. Quando terminou o curso, no fim de 2018, largou o emprego para poder se dedicar à busca por uma vaga em assistência social. Foi quando veio a frustração.

“Não consegui nada e descobri o quanto a gente idealiza o mercado de trabalho.” As vagas que encontrou, diz, exigiam experiência prévia ou qualificação ainda maior. “Acho que teria me ajudado saber disso antes de ingressar na faculdade”, afirma.

Depois de sete meses desempregada e à beira da depressão, Sandra voltou ao ramo de alimentação em agosto, ajudada pela ex-chefe. E, agora, está cursando uma pós-graduação, também em serviço social, com foco em saúde.

“Não desisti, nem me arrependi. A faculdade abriu minha visão de mundo. Foi como se tivesse passado a vida toda dormindo e, de repente, acordado”, diz.

Ela afirma, no entanto, que, olhando para trás, talvez tivesse optado por outra área. “Tinha pouca informação quando entrei na faculdade. Se soubesse melhor a realidade do mercado, talvez tivesse optado por gastronomia, já que adoro cozinhar e sempre trabalhei na área.”

Dados da Rais mostram que houve um boom no número de profissionais com ensino superior em postos com carteira assinada ligados à gastronomia.

Entre 2013 e 2018, o número de chefes de cozinha com diploma universitário mais do que quadruplicou, passando de apenas 515 para 2.400.

Já os profissionais com faculdade ocupados como auxiliares nos serviços de alimentação se multiplicaram por dez, saltando de 871 para 8.935.

No mesmo período, o aumento no contingente de assistentes sociais com carteira assinada foi bem menor, de 11%, passando de 66,1 mil para 73,8 mil profissionais.

# INFORME

Os movimentos dentro de ocupações específicas podem refletir mudanças estruturais no mercado de trabalho, que ajudam a explicar a escassez de certas vagas e a oferta crescente de outras.

Não por acaso o descasamento entre formação e ocupação —“mismatch” em inglês— tem sido alvo de estudos, principalmente em países desenvolvidos.

Em parte, segundo pesquisadores, ele está associado a mudanças tecnológicas que fazem com que certas ocupações desapareçam. É o que tem ocorrido com carreiras administrativas, que envolvem a realização de funções que podem ser automatizadas.

Ao mesmo tempo, outros postos —como diversas funções ligadas à análise de dados— vêm surgindo.

Há ainda profissões que têm se transformado. Ottoni cita o exemplo de profissionais ocupados como secretários que começam a desempenhar outras funções, algumas mais elaboradas.

Isso pode ajudar a explicar a contratação de profissionais com ensino superior para esse tipo de vaga.

“Não significa que a secretária vai acabar, mas que a secretária como nós a conhecemos pode acabar. Na prática, criando outro cargo”, diz Ottoni.

A compreensão dessas tendências é considerada crucial para adequar a formação da força de trabalho dos países.

Por isso, há nações com iniciativas que estabelecem um canal direto entre instituições de ensino, setores privado e governo para que haja maior coordenação entre formulação de currículos, políticas públicas e empresariais.